

Malba Tahan

Ruth Salles

Poeta e escritora, sobrinha-neta de Julio César de Mello e Souza.

Texto extraído da Revista "Nós", da Escola Rudolf Steiner, SP, 1974.

No dia 18 de junho último, falecia em Recife o conhecido professor, matemático e escritor Julio César de Mello e Souza, que se tornou famoso sob o pseudônimo de Malba Tahan, o Malba Tahan dos contos árabes, do curiosíssimo "O Homem que Calculava" e dos mais variados livros sobre maravilhas da Matemática. É difícil, para mim, não me emocionar ao escrever sobre essa figura inesquecível de minha vida, mas vou tentar trazê-la um pouco para vocês, disciplinando as primeiras palavras, seguindo algumas frases dos jornais: "Malba Tahan morreu aos 79 anos, repentinamente, como pressentira e desejara, de acordo com carta deixada a seus parentes. Nela pede para ser enterrado da maneira mais modesta possível e recomenda a um amigo que expresse, quando seu corpo baixar à sepultura, apenas pensamentos relacionados à causa dos leprosos, preocupação de toda a sua vida".

Realmente, Malba Tahan visitou todos os leprosários do Brasil, fundou a revista "Damião", dedicada à causa dos leprosos, escrevendo dezenas de artigos sobre o assunto. Professor de escolas particulares, professor catedrático do Colégio Pedro II, do Instituto de Educação, da Escola de Belas Artes e da Faculdade de Arquitetura do Rio de Janeiro, Malba Tahan ainda encontrou tempo para dar aulas a menores delinqüentes do extinto S.A.M. Deixou, aproximadamente, uma centena de livros e fez conferências em dezenas de cidades brasileiras sobre Didática, Matemática, Arte de contar estórias, e outros assuntos. Uma semana antes de sua morte, com uma vitalidade única, viajara para Foz do Iguaçu. Voltando ao Rio, foi padrinho de casamento de sua empregada Didi e, generoso como era, deu a festa em sua própria casa, presenteando os noivos com a viagem de lua de mel. Em seguida foi para Pernambuco, onde fez duas conferências antes de falecer. Malba Tahan deixa três filhos, genro, noras e dez netos. Ao morrer, encontrava-se a seu lado sua esposa Nair, a ex-aluna com quem se casara há 49 anos, companheira infatigável, que não poupou esforços para proporcionar ao escritor um ambiente favorável, em que pudesse dar largas à sua imaginação e à sua verve de contador de estórias.

Ela era bem a "mulher que trata de tudo", do poema "Família", de Carlos Drummond de Andrade, além de grande admiradora dos livros do marido. Não me esqueço do seu sorriso e do ar de encantamento com que me disse um dia, folheando um livro novo: "Mas como o Júlio escreve bem, não é mesmo?" Ele, por sua vez, confessava à sua irmã mais velha, minha mãe: "Que é que eu faria se não fosse a Nair?"...

"Em torno da vida misteriosa do escritor árabe Malba Tahan, têm sido feitas várias pesquisas. Sabe-se apenas, por informações um pouco vagas, que Ali Yesid Ibn Salim Hank Malba Tahan viveu em Meca..."

Assim começava o poeta Olegario Mariano, um prefácio ao livro "Novas Lendas do Deserto", introduzindo aos leitores um autor imaginário, que não era senão o brasileiro Julio César, um dos nove irmãos Mello e Souza; não era senão o Julinho da meninice na cidade de Queluz, domesticando sapos, fazendo-os puxarem carrinhos feitos de caixas de fósforos, recurso de garoto pobre. Os sapos mais bojudos tinham os nomes solenes de "Monsenhor" e "Ilustríssimo-Senhor", e seguiam obedientes o caminho por onde o menino os tocava. Deu trabalho preparar o pequeno Julio para o exame de admissão ao ginásio da capital. João, o irmão mais velho, desanimou de lhe dar aulas, tantas eram as vezes que o aluno saía correndo ao primeiro grasnar dos gansos, para ver se não estaria acontecendo nada ao Monsenhor! João chegou a escrever para o pai, que estava no Rio: "Não sei como o Julinho vai-se sair no exame: ele escreve mal e é uma negação para a Matemática." Anos depois, o próprio João declarava num livro de memórias da infância: "Ninguém é profeta em sua terra e muito menos em sua casa!"

Sim, o exótico Malba Tahan fora o rapazinho Julio, no Rio de Janeiro, estudando à noite, à luz de vela, na cozinha da casa de uma tia. O divertido de tudo era observar as baratas que pareciam conseguir pintar as antenas de cada uma com cores diferentes e, depois, descobrir seu sistema de comunicações, e qual a barata que parava para conversar com outra. Nesse tempo, já havia no fim do ano escolar o famoso exame oral, terror dos alunos que tinham de depor suas tímidas dissertações aos pés da sabedoria da banca examinadora. Mas o valente rapazinho Julio era cheio de recursos e tratava de se sair bem, especialmente nos exames de Geografia, matéria que nunca achava tempo para estudar o suficiente. As portas e janelas da sala do exame ficavam apinhadas de colegas curiosos, à espera de diversão:

- Então, senhor Julio, fale-me da ilha de White!

Julio pensava consigo mesmo: "E eu que nem sei que ilha é essa! Só me lembro de um cartão postal, onde havia uma ilha não sei de onde, cheia de carneiros e com algumas montanhas..."

- Vamos, senhor Julio!

- Ah, sim, a ilha de White. Qual delas, professor?

- Como, qual delas?!

E o professor, pensando na possibilidade de haver realmente mais de uma, disse:

- Bem, bem, fale-me da ilha de White que o senhor conhece.

- Pois não! A ilha de White tem sua principal riqueza nas criações de carneiros, e é razoavelmente montanhosa...

E punha-se o Julio a descrever a sua ilha de White...

De outra vez, tratava-se dos estados do Brasil, e o Julio só estudara Pernambuco, sabia Pernambuco na ponta da língua. E não é que lhe cai uma dissertação sobre o estado da Paraíba.

- Bem, senhor professor, o estado da Paraíba é... um estado em franco progresso e... bem... deve grande parte desse progresso ao fato de ser vizinho ao estado de Pernambuco...

E lá se mudava o Julio, com armas e bagagens, para uma dissertação brilhante sobre Pernambuco, o que, por sorte, encantou um dos membros da banca examinadora, que era pernambucano. Mas o caso mais temido, que deixou a turma da galeria, isto é, das portas e janelas, quase de fôlego suspenso, foi o caso dos acidentes geográficos:

- Senhor Julio! Partindo, em linha reta, de Tomsk, na Sibéria, até Antofagasta, no Chile, quais os acidentes geográficos que o senhor encontra no caminho?

Pronto! A turma sabia que o Julio ignorava completamente tão grande quantidade de acidentes e esperou pelo pior.

- Bem... senhor professor... partindo em linha reta, vamos encontrar, em seguida à terra de Tomsk, areia, arenito, terreno calcário, xisto, rochas ígneas...

- Mas, como?! O senhor está brincando comigo?

- Absolutamente, professor! O senhor há de convir que uma linha reta, partindo da Sibéria, só mesmo passando pelo centro da terra é que iria rebentar no Chile!

Mais tarde, já na Escola de Engenharia, trabalhando como humilde contínuo para pagar o almoço na cidade, o moço Julio se metia em tudo que era curso, cujas matérias estudava durante o trajeto do bonde. "Mas, Julio" - diziam os irmãos - "até Escola de Arte Dramática? Você não tem jeito pra isso." "Não faz mal" - respondia - "Assim vou treinando, e não há exame que me assuste."

Sim, o nobre árabe Ali Yesid Ibn Salim Hank Malba Tahan fora também o estimadíssimo professor Julio César dos meus tempos de ginásio que, solene e jovial ao mesmo tempo, entrava em classe pondo a mão à altura do coração e da testa, numa saudação muçulmana, e dizendo "Salam aleikum". Suas aulas, alegres, curiosas, eram uma verdadeira novidade. Nos exames orais dados pelo professor Julio César, não havia "choros nem ranger de dentes"; acabavam-se as lágrimas e os nervosismos diante da simplicidade do homem que detestava reprovar alunos, e que lhes transmitia a segurança necessária ao sucesso no exame.

Porém para mim, acima de tudo, Malba Tahan era um dos personagens especiais de nossa numerosa família, o homem que, ao chegar em sua casa, em vez de tirar paletó e gravata, tirava os sapatos. "É preciso estar em contato com o chão" – dizia. E assim, de terno e gravata e de pés descalços, andava pela casa, escrevia seus livros e atendia quem quer que o viesse procurar. Era o enxadrista (e bom enxadrista desde os 15 anos de idade) que vi vencer dois adversários ao mesmo tempo, voltado de costas para os tabuleiros. Ele explicava: "É só fechar os olhos que vejo os tabuleiros na minha frente."

Era o conferencista cheio de vitalidade e entusiasmo, que chegava de suas viagens contando um grande número de casos que alegravam os serões de família. O caso mais incrível foi o do cofre. Fora ele a uma cidade mineira, hospedando-se com um amigo, em cuja casa havia um cofre há muito abandonado; era um cofre alemão especial que fora de seu pai, e cujo segredo se perdera com sua morte. Até aquele dia, todas as tentativas para abri-lo tinham sido inúteis. Sabendo disso, o conferencista carioca declarou, de pura brincadeira, que abriria o cofre, e se pôs a girar o segredo para lá e para cá, diante dos olhos incrédulos de todos, e descrente, ele mesmo, do resultado de tudo.

Mas de repente - oh espanto dos espantos! - o cofre se abriu, revelando seu segredo e seu conteúdo.

Sim, Malba Tahan, para mim, era o querido tio Julio, que às vezes, cheio de entusiasmo e sem nenhuma falsa modéstia, irrompia na sala declarando à família: "Hoje escrevi um conto notável!" E lá vinha "O mendigo das moedas de ouro" ou "O sábio da Efelogia". Querido tio Julio que, há tantos anos, sossegava a algazarra dos filhos e sobrinhos com a estória animada do "Castelo Amarelo". Toda a criançada se espalhava pelo chão e tinha de estar atenta para berrar amarelo a cada substantivo importante. E lá começava ele:

- Era uma vez um castelo...
- Amarelo!
- Onde vivia uma princesa que usava um vestido...
- Amarelo!

E a estória seguia, fantástica e divertida, com todos participando. Ou então era a famosa estória do Rei Sapão, que convocou a assembleia do seu povo, para que todos julgassem um seu retrato pintado pelo coelho. Tio Julio explicava que os sapos nunca estão de acordo, e dividia a criançada em dois grupos. O rei sapo perguntava: "O retrato está bom ou não?" Era então que um grupo respondia: "Bom, bom, bom..." e o outro: "Mau, mau, mau...", ao mesmo tempo. "Devo ou não pagar o pintor?" "Paga, paga, paga..." "Não paga, não paga, não paga..." Como resultado dessas exclamações contraditórias, regidas em cadência pelo narrador, acabávamos parecendo mesmo um bando de sapos coaxando. Não sei quem se divertia mais: se éramos nós ou se era tio Julio, o travesso inventor da brincadeira. Não estaria ele procurando reproduzir para si mesmo a saudosa cantoria dos sapos no brejal de Queluz? Não estaria ele procurando recordar o Monsenhor e o Ilustríssimo-Senhor?

Estas linhas tão incompletas, mas escritas com grande emoção, só posso terminá-las como o próprio Malba Tahan terminou a apresentação de um livro seu, citando uma frase do místico frei Tomé de Jesus: "A todos peço, por amor de Jesus, paciência para com as minhas imperfeições e emendas para as minhas ignorâncias."